

O PÓS-CAPITALISMO?

*Voltaire Schilling**

"A expansão é tudo..."

Cecil Rhodes

Nascido "nos poros da sociedade medieval", o capitalismo foi até agora o único modo de produção na História da Humanidade que erigiu a competição e a concorrência não só como sua força motriz, mas também como sua essência. Todas as outras formas ou modos de produção conhecidos, tanto do pretérito (como o escravismo, o feudalismo, os modos asiático ou tradicionais de produção, etc.) como do presente (o moderno socialismo), escorraçaram ou limitaram a emulação através do protecionismo, da doação de monopólios, da fixação de direitos corporativos, de privilégios de guildas ou pelo dirigismo econômico, por considerá-la um agente dissolvente da organização sócio-econômica.

Além desses, somaram-se também à posição quase todas as religiões conhecidas, que danaram a competição e a concorrência como coisa satânica. Nessa frente, alinharam-se, através dos tempos, citações de profetas bíblicos, apóstolos, místicos de todas as inclinações, grandes teólogos e até poetas do romantismo alemão. Fossem cristão ou muçulmanos, padres católicos ou pastores luteranos, anacoretas excêntricos ou o almuadem da mesquita, todos irmanaram-se em lançá-las no opróbio. A todos o capitalismo neutralizou ou sepultou.

Mercadores urbanos e uma chusma de artesãos e artífices de toda ordem concentraram-se por primeiro nas antigas vilas. Cercaram-nas e contrataram mercenários e "condottieri" para garantir suas práticas mercantis. Enfrentaram barões feudais e os fizeram recuar. Em outras ocasiões, subornaram reis e imperadores ou bajularam o Papa, para que os deixassem viver em paz, entretidos com a compra e venda. Não satisfeitos com as limitações dos pequenos espaços a que haviam sido confinados em suas acanhadas cidades, lançaram seus olhares cobiçosos para o além, para o Oriente.

Convenceram, então, soberanos e rainhas, contrataram aventureiros e piratas e dominaram terras desconhecidas e oceanos turbulentos. Sábios como Copérnico, Kepler, Galileu, Descartes e Newton deram a eles o vigor científico e a certeza de que tanto necessitavam. Em pouco mais de 200

* Historiador.

anos de pulsação capitalista, tornaram os castelos feudais peças de museu e o cavaleiro numa triste e anacrônica figura, como bem percebeu Cervantes.

Todas as formas de vida depararam-se nesse processo de expansão permanente, ou foram destruídas, ou tornaram-se suas tributárias. Como uma imensa anaconda, devorou ou esmagou uma por uma as outras organizações sociais. Imensas "Companhias das Índias" espalharam seus interesses pelo Mundo: "do Cairo à Sumatra" como disse Voltaire certa vez, orgulhoso da extensão dos negócios dos mercadores europeus. A China milenar e o introvertido Japão tiveram que, no transcorrer do século XIX, à força dos canhões navais, abrir seus postos "ao livre comércio e ao livre câmbio". Para os recalcitantes lançou-se mão de tudo: ópio para os chineses, álcool e sarampo para os indígenas e a escravidão para os africanos. Nada os detinha ou deteve. Até o meigo e gentil Jesus Cristo foi convocado como seu aliado espiritual nessa empreitada.

No campo da ética, foram amparados por Adam Smith, que realizou a incrível façanha de transformar o estigmatizado egoísmo em essencial ao novo modo de vida, colocando-o ao abrigo de qualquer censura. Criticado até então por todos os moralistas, o interesse pessoal ganhava agora estatuto de agente do progresso e da felicidade material e pessoal, o que levou Jeremias Bentham à máxima de que se "é útil é moralmente bom".

Vencendo a tudo e a todos, terminaram voltando-se contra si. Não conseguiram sublimar a violência do afã competitivo e mergulharam na bárbara guerra de 1914-18, a primeira realmente mundial da História. Das ruínas dela, emergiu então o novo rival — o socialismo. Pela primeira vez, uma nova forma de vida com um novo projeto econômico não só era marcadamente hostil ao capitalismo, como estava decidido a destruí-lo, ameaçando-o com ondas revolucionárias lideradas por massas proletárias aviltadas.

Entre 1939 e 1945, repetiu-se a dose e, dessa vez, foi a hora da até então dócil China entrar em surto rebelde. A nova maré de ojeriza quase expulsou o capitalismo da Ásia, confinando-o em algumas ilhas (Japão, Taiwan, Filipinas), penínsulas (Coréia do Sul e Tailândia) ou enclaves (Hong-Kong, Macau e Singapura).

Mas passaram-se os tempos. A presença de um regime econômico e político rival apenas excitou ainda mais o capitalismo. Ao invés de destruí-lo, vivificou-o. Como nunca, a tecnologia, a produtividade e o engenho humano foram entregues na busca acelerada do bem-estar. Reformas sociais e democráticas procuraram aparar-lhe as arestas mais desumanas e sombrias. Diminuíram-se-lhe as resistências, e operou-se o inesperado. Nos anos 80, os líderes das duas mais destacadas potências socialistas, M. Gorbachev e Deng Tsiao-Ping, confessaram de público a exaustão e os li-

mites dos seus sistemas, afirmando que, doravante, iriam inspirar-se em "práticas capitalistas". De certa forma, agora é o socialismo, em sua forma ortodoxa, quem se encontra confinado numa ilha (Cuba), numa península (a Coreia do Norte) e num enclave (a Albânia).

Que será que ocorrerá então com o capitalismo?

Pela primeira vez em seus mais de quatro séculos de crescimento, não tem mais rivais. Seus formidáveis antagonistas — o feudalismo e o socialismo — sucumbiram faz tempo ou abandonaram a liça. Para onde canalizar doravante o espírito competitivo e a concorrência? Para as estrelas, como ambicionava Cecil Rhodes?